

**COO,
UETEL
MOTO
LOVE**

JUIZA ROMÃO

©2014 luizaromão

todos os direitos estão liberados para reprodução não comercial. qualquer parte desta obra pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc. desde que não tenha objetivo comercial e seja citada a fonte (autor e editora).

daniel minchoni capeou, designou e editou.

ni brisant revisou.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Romão, Luiza
Coquetel motolove / Luiza Romão. -- São Paulo :
Selo Doburro, 2015. 74 pgs

"2. reimpr. da 1. ed."
ISBN 978-85-919192-0-7

1. Poesia brasileira I. Título.

15-06645

CDD-869.1

Índices para catálogo sistemático: 1. Poesia : Literatura brasileira

869.1

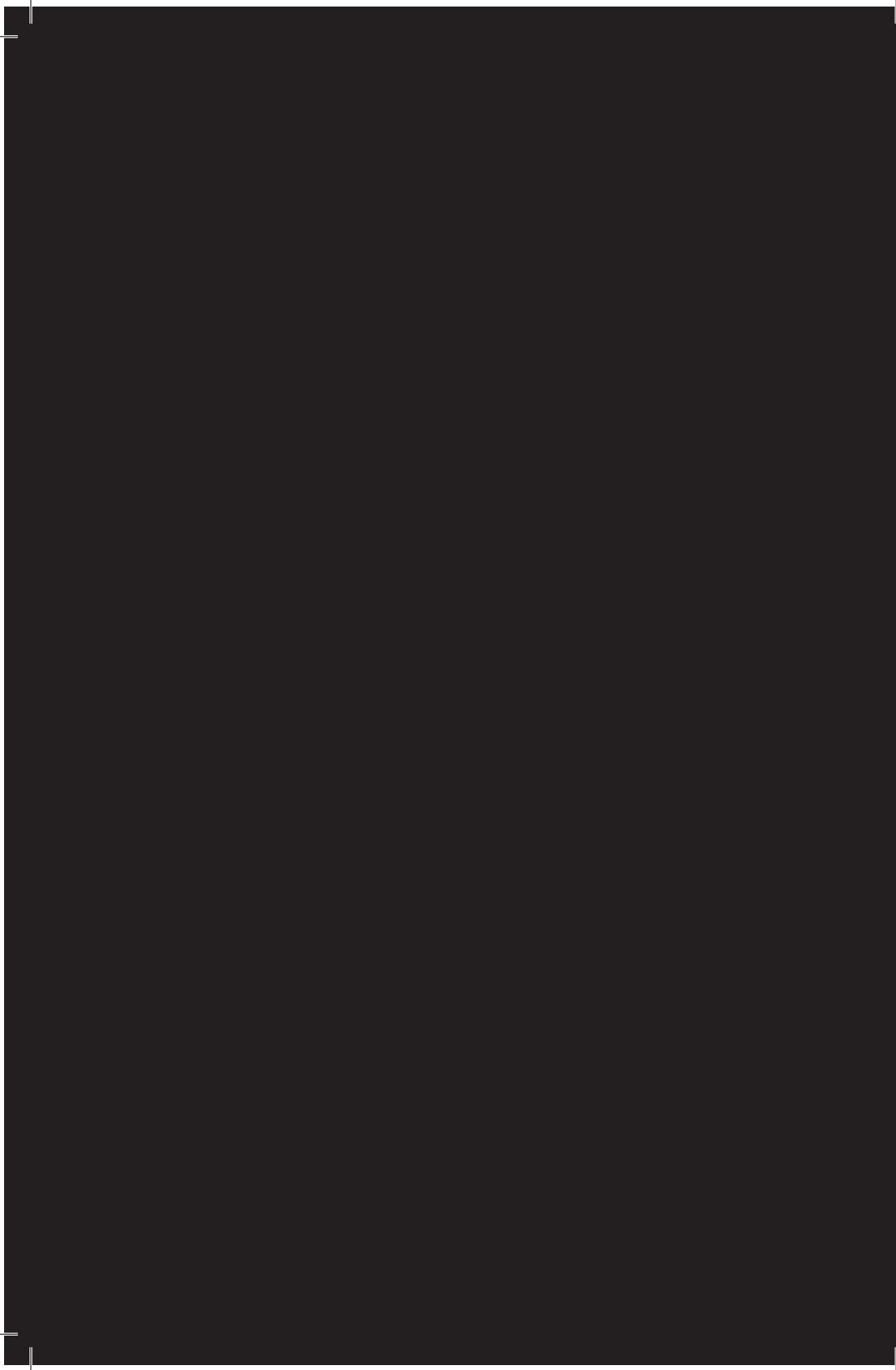


coquetel motolove
primeira edição. 2014



*o sistema, que não dá de comer,
tampouco dá de amar: condena muitos à fome
de pão e muitos mais à fome de abraços.*

eduardo galeano



*à lucília e arqilau, meus pais.
à chico, caetano e bethânia, meus irmãos-tropicais.*



agradecimentos

à ni brisant e victor rodrigues, que têm dado asas ao meu olhar.

à daniel minchoni, que me acompanha desde os primeiros passos.

à marcelino freire, pela inspiração e generosidade.

à sandra berta, meu laboratório de palavras.

ao sarau do burro, slam da guilhermina, zap!, slam do 13,

poetas ambulantes, parada poética, menor slam do mundo,

cooperifa, sobrenome liberdade, projeto praga, sarau dos mesquiteiros,

artefato borges, coletivoz e demais parceiros de caminhada.

com vocês, a poesia se faz acontecimento.

**FAÇA
AMOR.
NÃO,
FAÇA
GUERRA.** MARCELINO FREIRE

Um coração de galinha. O meu. Eu me sinto um frango.
Diante da poesia de Luiza Romão. Não sei por quê. Não sei não.
Ela põe medo. Aí eu quero acertar aqui. Sem tremer. No tom
da apresentação. É isto. Eu sempre digo. Só gosto de poeta
que me faz ajoelhar. Descer as calças. As calcinhas quando uso.
Ela. Ave! É um demônio. Eu rezo em sua tábua. Eu grito com
o seu grito. Poeta que faz parte de uma nova geração que põe
fogo. Fumaça no pulmão. Toma conta da rua. Entrega o coração
à causa. A alma à ocupação. Não. Definitivamente. Ninguém pode
ser bundão lendo o que escreve esta mulher. Versos perversos.
De quem odeia melancia. Berinjelas. Casamento ela não quer.
A vida dela é juntar palavras. Para mandar à merda a ordem.
Ela. A dona do caos. A moça pronta para almoçar o moço.
Gostoso o modo como Luiza nos provoca. Invoca. Sacaneia.
Extravaza. Toca para acordar. O nosso peito extravazio.
Boa de bola. Como rebola de um verso para o outro. Rápida
e sonora. Formando aliteraões nervosas. Raivosamente líricas.
Ritmos improvisados. Ao que parece. Leio-a e é como se eu
estivesse escutando um rap. Literatura de ruptura é o que é.
Basta vê-la em algum sarau. Para saber. O olho que a poeta
nos lança. Quando solta o verbo. Cara a cara. Uma luz que
corta a nossa calma. Chama que esquenta essa relação fria.
Do leitor com a poesia. Melhor que seja. Do leitor com a vida.
Este embate. Certo. Uma vez eu li a respeito. Explico.
O bom livro é aquele que queima a nossa mão. Em combustão.
Essa ameaça. Esse enfrentamento constante. Palavra por palavra.
Bate. Luiza Romão. Bate. Lança aos ares. Este teu poderoso
Coquetel Motolove. Agradeço. De coração. O meu e o seu.
Juntos nesta guerra. Sem trégua. Cheia de amor. Dor e doação.



*umas semanas atrás, mostrei esse poema pro meu pai e ele disse:
"filha, como você anda mórbida." e eu respondi: "pai, morbidez
é permanecer sempre o mesmo; pra nascer é preciso romper
o cordão e não ter medo do grito"*

tão mais humana seria a política
se ao invés de manifestos
fizéssemos manifestas
o corpo infesta
quando vários,
são vírus,
anti-sistema
imunológico ou capitalista

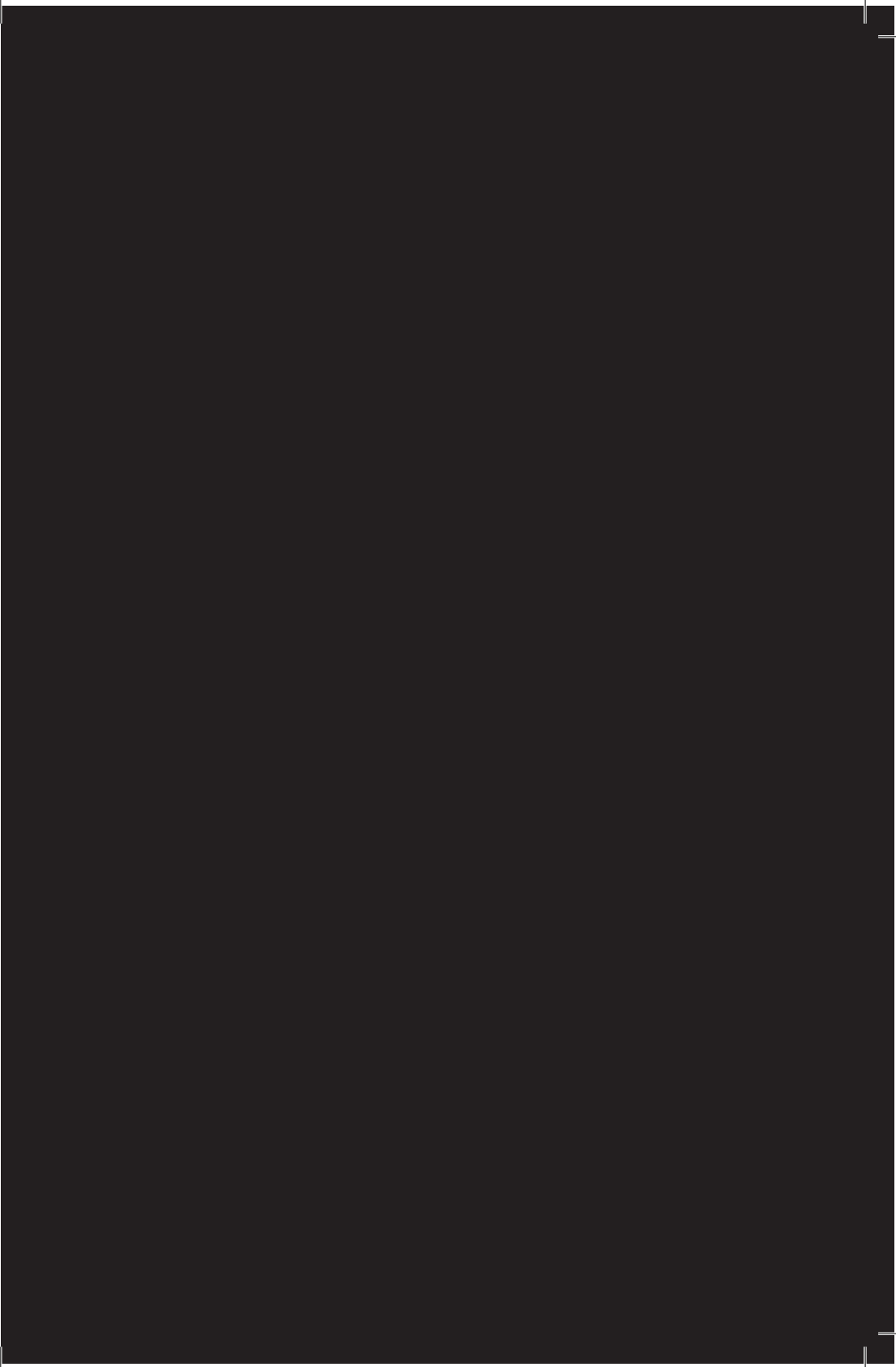
a revolução não será televisionada
será dançada
suor também é combustível
molotov feito de saliva
motoloveyou, baby
depois dos prédios,
nos incendiaremos por completo

me queriam dócil coluna ereta
disciplinada
manequim tamanho PPP
pequena pacata passiva

mas capoeira mandou avisar
que samba também é luta
o corpo que gira
prepara sua fuga
pulsa pulsa pulsa
expulsa seus grilhões
o pé marca resistência
dançar até não ter mais sola
solo não sei
dançar
sou coletiva
faço do desejo proteção e armadura:
coração-bomba
contra catracas

e couraças
as ruas estão à espera
do confronto
do meu corpo
com seu corpo
festejaremos o enterro da apatia
o batismo do novo mundo nosso
erotismo também é arma de protesto
porque um corpo sem desejo
está morto
e um corpo que deseja a morte
é a própria revolução

[para Mayra Coelho]





**INCÊNDIO
OU O CORPO-
INFESTA**

era pra ser várzea,
te fizeram arena
era pra ser pelota pelada
pedala pelé,
projeto de pátria,
bola no pé
mas virou world cup

pro elenco de estrelas,
investimento estratosférico,
não sei mais o nome dos seus astros,
por isso escalo
o que vejo no estádio:
fiat na zaga;
adidas pelo meio;
br cruza pra unimed
lá vem semp toshiba
olha o habbibs chegando
lg com liquigaz,
e é GOOOOOOOOOOOOOOOOOOO
OOOOOOOOOOOOOOOOOOOO
OOOOOOOOOOOOOOOOOO
OOOOOOOOOOOOOOOO
OOOOOOOOOOOO
OOOOOOOOOO
OOOOO!!!
(linhas áreas inteligentes)

nesse passe-repasse
a bolada some
num passe de mágica

em campo são onze,
mas a ordem
vem do banco

apararam
a grana
do gramado
pra debaixo do tapete

o chapéu
virou cartola;
não sei o que fizeram
do coelho nessa história

não há impedimento
pros seus cruzamentos
financeiros

a barreira aberta
mas a bola sobe,
encobre o goleiro,
o fiscal,
o agiota

seu estádio vale mais
do que qualquer escola,
professor bem pago
é o técnico dessa palhoça.
enquanto isso, os moleques
só usam caneta
na hora de fazer gol de letra

aos 48 do segundo tempo
um dois cinco
milhões
de acréscimo
por alguma entrada ilícita
ou falta
de planejamento

o meio de campo tá armado
com canhão, tiro de meta
pra silenciar quem,
do lado de fora,
protesta

carrinho agora é blindado
bicicleta, envenenada
arquibancada só pra quem tem

cartão amarelo
visa mastercard ou cielo

de TUP(i)
só a organizada
sua língua oficial
é real madrid.
sócrates virou auto-ajuda
casagrande nem comenta senzala
seus ídolos não têm mais raí

na minha terra tinha palmeiras
onde cantavam galo gavião periquito
terra de todos os santos:
de são paulo a santo expedito

era pra ser fla-flu
botando fogo no sport
grêmio de toda sorte.
mas seu cruzeiro aponta
pro hemisfério norte,
você só quer saber de ser auto-astral
sua vitória é internacional

se esse é o país do futebol
eu penduro minhas chuteiras
enquanto esse grito na garganta
for motivo de pranto,
eu abandono meu manto
e espero voltar do vestiário
o futebol primário
que sem empreendedores
faz de nós,
libertadores!

*este texto não é um texto. este texto é um parto:
tem a dor do que parte, do que fica, do que nasce*

ser virgem
está muito além de um hímen
da palavra ser ou não ter hífen
é matéria-prima
barro úmido
húmus:
human woman women

homem,
eu não nasci da sua costela.
vim ao mundo pelas mãos
de alguma obstetra
filha de mãe mulher donzela
não a bela-pequena-aurora-adormecida-sereia-de-chapéu-vermelho,
não.
sou filha da outra:
a que tem suor, sangue e leite
a que labuta com dois filhos nas costas
e um no peito

tornar-se mulher
pela perfuração de um falo?
falácia
habito meu próprio corpo
falho
que fala e convalesce
sob as súplicas
de outra prece:
não à nossa-senhora-mãe-gentil-virgem-imaculada,

não.
mas à padroeira das putas
das históricas
e tresloucadas
das mulheres-Medéia
e das Clitemnestras
das malditas
e revolucionárias
Rosas Marias Joana Zuzus Pagus Fridas
sofridas e incansáveis

meninas em gestação
de ser mulher
meninas que sangram
mês a mês
possibilidades de si
que abortam o que não teve lugar
o que não pode ser
meninas em gestação
mulheres em gesto
e ação

não colocarei o pau na mesa
se você vem com
"porra, porrada, caralho"
mostro meus peitos abertos
meus seios e anseios fartos
dessa gramática de barbárie

porque o ser mulher
está muito além de um artigo feminino
definido ou indefinido
muito além,
de um artigo feminino
em liquidação numa loja barata de cosméticos
de um artigo feminino
publicado na página 5 das novas, cláudias, caprichos, tititis
está além dos artigos
da lei Maria da Penha
[de qualquer lei de direitos humanos universais]

porque o ser mulher
está além do artigo.
está no sujeito:
que não se sujeita
que age, atua,
direto, intransitivo

está no sujeito,
independente
de gênero, número
e grau

coração de frango

e o coração,
quanto pesa?
perguntou ela,
moça magrela
de expostas costelas,
ao homem bigodudo
atrás do balcão

depende,
de boi ou de frango?

intrigada
não entendeu,
pois era do dela
que tratava

sabia que pouco valia,
era carne fraca
sangue de anemia
que batia mais por inércia,
do que serventia

na verdade,
queria fazer uma barganha,
trocar seu coração
por, quem sabe,
um naco de picanha

o homem não estranhou a proposta
da moça de costelas expostas.
era a terceira vez
que vinham lhe oferecer

aquele estranho produto
já conhecidamente sem uso

mas por pena ou caridade
lhe ofereceu em troca
duas asas de frango.
o que era muito,
comparado ao seu tamanho

faminta,
aceitou sem demora.
lambuzou-se com as asas alheias,
visto que ela,
bicho terreno,
não conhecia tais atrevimentos

até hoje não se sabe:
se foi a gordura espessa
ou a carne fibrosa
(tão desconhecidas a seu corpo de menina)
que lhe causaram alucinação

fato é que
munida da carcaça das duas asas,
uma em cada mão,
acreditou-se ave,
ave maria,
e do parapeito da janela,
estufou o peito externo.
de um só golpe
sentiu o corpo leve

o voo foi breve.
o baque, surdo.
a carne mole,
moída na calçada,
parecia que indagava:

e meu corpo,
quanto vale?

fosse o peito de asfalto
e talvez fosse mais fácil
compreender
como o ruído de obra
é anúncio de desgraça
e não de celebração

fosse o peito de asfalto
e talvez fosse mais fácil
compreender
como mãos de ferro
não erguem alicerces
mas obedecem
a pés de chumbo

fosse o peito de asfalto
e talvez fosse mais fácil,
porém,
sendo de terra
(matéria primeira)
causa indignação
saber que no tórax
antes farto
reside agora

uma só
propriedade

em coração-latifúndio
não floresce humanidade
é campo seco
improdutivo
irrigado com sangue
alheio:
de veias abertas
e hortas vazias

antes arrancassem
da gente
os rins e o fígado
os cabelos e dedos
mas não o corpo-terra
morada e constituição
de qualquer vivente

pés sem solo
não têm função
que não seja
chutar portas
e derrubar cercas

construir seu próprio caminho
na aridez do peito alheio

lavar com as mãos
sonhos futuros
ocupar com o corpo
terrenos presentes

sendo o tempo de asfalto
e escassez de afeto
só resta furar o concreto
com pás unhas e versos
e fazer brotar ali
o gérmen de uma nova era



**RUÍNAS
OU O ENTERRO
DA APATIA**

30 coquetel | motolove

I.
ele queria
uma transação
às claras
ela só transava
no escuro

II.
nega,
você nega
tanto
nosso amor
só nega
só nega
só nega
SÓ NEGAR É CRIME
e quem paga por ele,
sou eu,
seu
leãozinho

32 coquetel | motolove

III.
saldão:
saudade
apreço
de fábrica

IV.
ele disse:
"juro que te amo".
ela cobrou à vista.

V.
ele dizia:
"não é da sua conta"
mesmo assim,
investia nela

VI.
você não presta

você não presta atenção
nas minhas preces
nem se empresta
pruma noite
um flerte
uma paixão

é empréstimo sem caução

meus préstimos,
mas vou partir
pra outra transação

VII.
ele me ligou a cobrar.
tava sem crédito comigo.

VIII.
para os gregos,
caos era um deus
para nós,
São Paulo:

eu digo
promessa de vida,
você entende
promessa é dívida

eu peço
transa
você entende
trânsito

quanto mais carece, mais encarece
quanto mais pressa, menos praça
quanto mais apreço, maior o preço



**BAIXAS
OU UM CORPO
SEM DESEJO
ESTÁ MORTO**

40 coquetel motolove

bolsa de sangue

tanta dor há
nisso de se doar

conselho:
doe-se
doa o que doer

42 coquetel motolove

ao sorrir,
ela mostra os dentes.
presente:
na felicidade
há algo de ameaçador

queria ficar nelx
fincadx como bandeira
afiançadx e inteirx
fazer de dois
um pedaço inteiriço
mas tudo
ficou por isso.

[com André Oviedo]

costas quentes, frente fria

não fôssemos
tão fechados:
brigas
teriam se tornado
brisas
e o tempo
menos nublado.

chegou em casa
aos tropeços
sem chaves
sonhos
certezas

era mais um porre
de amor-líquido

ele tinha a faca e o queijo
na mão,
mas preferiu a goiabada

ela vinha
ele vinho
ela tinta
ele tinto
ela pisca
ele pisco
ela suga
ele suco
ela breja
ele brejo
ela mangue
ele manga
ela tang
ele tango
ela samba
ele sombra
ela sanha
ele sonho
ela sala
ele solo

ela bula
ele bala
ela bela
ele bolo
ela bola
ele bebe
ela baba
ele bobo
ela brasa
ele brisa
ela louca
ele louça
ela limpa
ele língua
ela lava
ele love

ela saca
ele soca

ela tira
ele tiro
ela mata
ele mete
ela monta
ele mente
ela cama
ele come
ela grita
ele gruta
ela supra
ele sutra
ela vulto
ele vulva
ela fenda
ele fundo
ela falha

ele para
ela pede
ele para
ela pede
ele poda
ela tenta
ele tonto
ela chora
ele cora
ela chama
ele xinga
ela chata
ele chuta
ela parte
ele porta

ela anda
ele onde
ela lembra
ele lombra
ela limbo
ele lindo

ela apega
ele apaga
ela liga
ele logo
ela suma
ele some
ela surta
ele sorte

ela volta
ele vira
ela vinha
ele vinho
eles vinagre.

antes
nosso amor
extravasava

hoje,
extra vazio

esperei que você ligasse
minha vida na sua
que ligasse
a televisão
e me convidasse pra assistir
esperei que você ligasse
os pontos
do meu nome
que desse liga
nessa matéria-afeto
tão líquida
esperei
mas a ligação
ficou por um cio:
curto-circuito
vazio

acordo no meio da
procurando papel pra
tento começar, mas

“porque apareceu na
`tava bem antes de
você deixou um
dói mais que
há remédio pra
deixa de
volta pra
espero sem”

[das lacunas deixadas por]

**REVIDE OU SUOR
TAMBÉM É
COMBUSTÍVEL**



em calça,
na calçada.

em saia,
na sala.

ensaia,
com ânsia.
assanha:
embaixo da saia

entre,
meu bem,
e não saia.

entre,
que eu
saidinha,
entristeço,
se não te
entretenho

entre tantos
entre laços
antevejo
seus entraves

te entrego
minhas entranhas.
entre manhas:
me arranha.

entre
abraços
amassos,
amanso
e acho:
mais um maço

entre
tragos
cigarros
amor
não trago:
estrago

entre tantos
entre laços
entre salas
e abraços

entre,
amor,
enquanto amassos
eu te trago.

seu peito-revólver
me abala

se o olhar
queima roupa,
eu atiro

seu corpo alvo
na minha mira

ao moço:
convite
para almoçar:
a moça

60 coquetel motolove

coração pesque-pague

se pegar,
leve pra casa

se levar,
coma

coração self-service

sirva à vontade

mas só pegue
o que for comer

62 coquetel motolove

sonho contigo todas as noites
nem sempre acordo ao seu lado

de dia
tá aqui
de tarde,
taquicardia
à noite,
coração marca-passos pra te ver

64 coquetel motolove

faz quinze pra dois dias
mas parece que foi
a um ano e quarenta
que seus adiamentos
bagunçaram meu calendário

o dia em que fiz seu mapa astral

tivesse eu nascido cinco minutos antes
e seria peixes para em teu límpido aquário mergulhar.
tivesse eu nascido cinco minutos antes
e seria um touro cego,
ou melhor,
um touro surdo
pra compreender as libras da tua mão
tivesse eu nascido sob o trópico de capricórnio,
e seríamos gêmeos,
eu seria tua virgem
e não essa coisa meio cavalo,
meio mulher
que se acostumou chamar sagitário;
seria sua, virgem,
e, claro,
de noite,
sua leoa.
tivesse eu nascido cinco minutos antes,
e esse câncer que me assola
se explodiria pelos áries;
seria mais imbatível que um escorpião pré-histórico fossilizado,
tivesse eu nascido cinco minutos antes,
e minha lua se ascenderia na sua casa,
de número 7, ou 12, ou a que você quiser.
tivesse eu nascido cinco minutos antes,
e não estaria agora a escrever
esse brega-cosmicomicológico-poema-astrológico-sentimental,
afinal,
você seria a estrela
do meu mapa astral.

66 coquetel motolove

pedido de casamento

caso contigo,
mas o caos
continua comigo

muito se diz da dor
de perder
de nunca encontrar
aquela blusa vermelha
o lado esquerdo do brinco
a capinha do CD

não me importo

acredito na cosmologia do palheiro
no fluxo incessante dos objetos

não há satisfação maior
que reencontrar um afeto
há muito empoeirado,
tornado invisível
entre o armário
e o vão da porta

se esqueço,
não faço por descuido
mas por desapego
por saber-me parte
e não todo

o que pertence,
mais dia menos dia
reaparece
(como os óculos
que sempre estiveram em cima da geladeira,
inatingíveis aos olhos apressados)

encontrar
é uma questão
de descolar as pálpebras

de olhos fechados
toda agulha é pequena
toda fechadura, hermética
toda perda, um vazio

esqueço,
porque não caibo,
transbordo
em livros
toalhas
grampos
lapiseiras
mapas
versos
declarações
sonhos
que deixei pelo caminho

em cada um deles,
sou eu
espalhada
dilatada às avessas

portanto
não me obrigue
a arrumar a mesa
organizar livros da estante
dividir o dia em horas

no caos,
me refaço
nas perdas,
me constituo:
peças de um relicário
em constante
reinvenção









coquetel motolove foi
composto em tipografia haettenschweiler 72
e corbel regular e corbel italic 10
em papel pólen 90g/m²
e impresso em novembro de 2014
na gráfica psi7
para o selo do burro.